



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8355 - Trabalho Completo - XV Reunião Regional da ANPED Centro-Oeste (ANPED-CO) (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 08 - Formação de Professores

FORMAÇÃO DE PROFESSORAS DE HISTÓRIA QUE ATUAM EM ESCOLAS LOCALIZADAS NO MEIO RURAL (ITUIUTABA, MG, BRASIL)

Astrogildo Fernandes da Silva Júnior - UFU - Universidade Federal de Uberlândia

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

FORMAÇÃO DE PROFESSORAS DE HISTÓRIA QUE ATUAM EM ESCOLAS LOCALIZADAS NO MEIO RURAL (ITUIUTABA, MG, BRASIL)

Esse texto apresenta resultados de uma pesquisa apoiada pelo CNPq Edital Universal 2016. O projeto teve como temática o processo de ensino e aprendizagem em História efetivado em escolas localizadas no meio rural do município de Ituiutaba, MG, Brasil. Buscou respostas para os seguintes questionamentos: como se deu a formação dos professores e professoras de História que atuavam no meio rural? Como ensinam História? Como as crianças e jovens aprendem História? Os professores consideram as especificidades do espaço rural? Os estudantes apropriam dos saberes históricos? Almejando encontrar respostas às problemáticas citadas nesta investigação, optamos por privilegiar a abordagem qualitativa de pesquisa educacional, por favorecer uma visão ampla do objeto estudado e envolvimento do pesquisador com a realidade social, política, econômica e cultural. No processo da pesquisa recorreremos à revisão bibliográfica, observação, análise de documentos, busca no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e a história oral. Nos limites desse texto buscamos analisar a formação das professoras colaboradoras.

Entendemos que a identidade do ser professor é um processo contínuo e não acabado, não se limita a ter um início meio e fim, mais do que isso é um processo que necessita ser inventado e reinventado ao longo de sua formação e nas suas práticas pedagógicas. Compactuamos com Guimarães (2006),

As investigações da área demonstram que o processo de formação do professor, constitutivo de tornar-se professor, não se constrói apenas nos cursos frequentados em escolas e universidades, durante determinados períodos da vida. Trata-se de construção cotidiana, uma experiência de lutas, desafios, decepções e vitórias. Os sujeitos constroem seus saberes permanentemente, no decorrer de suas vidas. Esse processo depende e se alimenta de modelos e espaços educativos, mas não se deixam

controlar. Ele é dinâmico, ativo e se constrói no movimento entre o saber trazido do exterior e o conhecimento ligado à experiência. Ele é histórico, não se dá descolado da realidade sociocultural. (p.154)

As professoras colaboradoras narraram aspectos de suas vidas pessoais que, de certa forma, as levaram pela escolha da docência em História. A colaboradora 1, afirmou que opção pelo Curso de História teve uma relação direta de como ela via e pensava o mundo. Antes de cursar História, iniciou a graduação no Curso de Engenharia, mas logo identificou que não era o que ela pretendia. A docência tinha relação com a infância e fortaleceu a partir da militância política, vivenciada ao longo do ensino médio. Destacou aspectos de seu processo de escolarização:

Estudei boa parte da minha vida em escola particular, era uma escola particular de elite em que a questão política não se discutia. No período da ditadura militar não se falava nisso, era como se vivêssemos alheios. Eu tinha aulas de Educação Moral e Cívica com professores militares, alguns sargentos outros não me lembro qual eram suas patentes. Tínhamos uma visão assim limitada do mundo político, não só porque eu vivia numa cidade do interior, numa época de censura e tudo, mas também por estudar em uma escola que essas questões não eram abordadas. (Colaboradora 1, 2019).

A professora optou em cursar o magistério e iniciou a docência em uma escola pública. Passou a conviver com diferentes sujeitos o que levou a um engajamento político. Investiu em leituras e teve acesso a literatura de esquerda, a partir daí potencializou seu interesse pelo Curso de História. A professora afirmou que,

[...] o curso de História veio marcado pela formação marxista. O Marx chegou para mim antes da minha entrada no curso de História, chegou pela militância, eu fazia as leituras em espanhol, toda minha literatura política foi em espanhol, pois não tínhamos acesso a essa literatura em português, pois existia a censura. Então buscava informações nas obras que chegava e através da música de protesto latino-americana. Quando eu cheguei no curso de História, já com uma vivência política, era uma postura diferente dos meus colegas. Escolhi o curso de História pelo interesse político e não o acadêmico. (Colaboradora 1, 2019).

A escolha pelo Curso de História para a colaboradora 2, se deu por outros motivos. Ressaltou a influência de uma professora nos anos finais do ensino fundamental. A professora que passou a infância no meio rural, mudou-se para a cidade de Ituiutaba e estudou na Escola Municipal Machado de Assis e teve a oportunidade de conhecer uma professora que marcou sua vida e influenciou sua opção profissional. Em sua narrativa destacou:

A minha opção pelo curso de História me faz voltar na minha memória. Quando eu cursava a antiga 7ª série, quando eu estudei na Escola Municipal Machado de Assis eu tive uma professora de História que se chamava Ilta Maria de Oliveira. Ela era a professora! Me lembro tanto das aulas dela! Fui aluna dela na 7ª e 8ª série, que hoje seria o 9º ano do ensino fundamental. Desde aquela época eu já sabia da necessidade de se trabalhar, então eu tinha para mim que eu seria professora de História e fui influenciada por ela. (Colaboradora 2, 2019).

A narrativa da professora nos remete a afirmação de Castanho (2001) ao discutir sobre o professor ideal e inesquecível. Ressaltam que as boas lembranças superam a dos maus professores. São descritos os professores que amavam a profissão, sabiam bem a matéria e mobilizavam os alunos.

As narrativas nos permitem afirmar que não nascemos professores e nem nos tornamos professores de repente. O fazer-se professor se configura em diferentes momentos

de nossas vidas. Nesse processo a formação inicial é extremamente significativa.

As duas professoras colaboradoras formaram-se no magistério e posteriormente ingressaram no Curso de História da na Fundação Educacional de Ituiutaba, atualmente a UEMG. Destacaram a importância da formação inicial no processo de tornar-se professoras. A colaboradora 1, relatou que havia deficiências sobre História do Brasil no período de sua formação inicial. A colaboradora 2, ressaltou as contribuições do Estágio, os momentos de observações foram fundamentais para sua formação. Registraram que, ao longo da formação inicial, nada foi abordado sobre as especificidades de ensinar História em escolas no meio rural.

No processo de ser e formar-se professoras, a formação contínua se torna fundamental. Em diferentes períodos da história da educação brasileira, é possível identificar três diferentes modelos de formação continuada: o clássico, o prático-reflexivo e o emancipatório-político. A perspectiva clássica é marcada pela polarização entre teoria e prática. As atividades são preparadas na academia e depois vivenciadas pelos professores. O professor é tido como coadjuvante no processo de ensino e de aprendizagem, pois as atividades são elaboradas por um especialista para serem aplicadas pelo professor. O modelo prático-reflexivo defende o modelo de auto formação na prática cotidiana. A prática tende a determinar quais teorias devem ser observadas pelo docente. O modelo emancipatório-político defende que só por meio do conhecimento do mundo, o professor pode observar suas ações práticas de forma crítica e relacioná-las com as teorias educacionais.

Consideramos que a formação continuada pode ser definida como toda forma de intervenção que provoca mudanças na informação e no conhecimento dos professores. Buscamos ouvir das professoras colaboradoras as ações realizadas que se configuram como formação continuada. A colaboradora 1, terminou sua graduação no ano de 1986, em seguida começou o mestrado em História na Universidade Federal do Rio de Janeiro, porém a sua mãe adoeceu e ela retornou para Ituiutaba e não concluiu o mestrado. Anos depois fez uma especialização em História do Brasil na PUC Belo Horizonte, curso que, segundo a professora, abriu um leque de possibilidades. Em relação à formação continuada em serviço a professora relatou:

Em relação a formação continuada, eu acho que nos últimos anos, precisamente de uns 10 anos para cá, existe um enfoque muito grande nas disciplinas de Português e Matemática em função das avaliações externas. Essas avaliações que começaram fora do Brasil e que a gente percebe que o que realmente existiu foi pensando na disponibilização de mais dinheiro para essas áreas do que pensar na melhoria da qualidade da educação como um todo. Eu vejo assim, o núcleo de formação de professores, o Centro Municipal de Assistência Pedagógica e Aperfeiçoamento Permanente de Professores (CEMAP), oferece cursos o tempo todo, mas eu não consigo participar dos cursos lá, além de serem poucos os cursos que atendem a minha área, quando esses cursos aparecem são ofertados em horários que eu não tenho como fazer, pois eu não trabalho em apenas um turno, já faz mais de 10 anos que trabalho também com História e Geografia no ensino fundamental anos iniciais de 2º a 5º ano na cidade, desse modo o tempo que eu disponho para fazer esses cursos no CEMAP acaba ficando limitado. Então eu considero que existem sim alguns cursos de formação continuada, porém para a área de História eu acho que não. (Colaboradora 1, 2019).

Por meio da narrativa da colaboradora 1, podemos identificar a precarização do trabalho do professor, pois a professora atua em duas disciplinas, e na escola pública e da rede particular, o que a impede de participar ativamente da formação continuada. O cotidiano da professora é marcado por uma elevada carga horária de trabalho. Além disso, temos que considerar o tempo gasto para planejamento de aulas, correções de atividades e trabalhos burocráticos como por exemplo os diários de classe.

A colaboradora 2, graduada em História em 1984, fez uma complementação em Pedagogia e, segundo ela, recentemente fez um Curso de pós-graduação lato senso em História Geral. Sobre a formação em serviço relatou:

Temos pela prefeitura, módulos, seminários e, também o CEMAP. Estou sempre participando. No ano passado fiz três cursos. Teve um de formação étnico racial com professores excelentes. Ainda não fiz nenhum esse ano porque os meus horários não me permitem. Participei de um outro curso direcionado para a Arte, que nos preparava para um trabalho interdisciplinar e participei de um outro curso sobre empreendedorismo, que é um projeto da secretaria municipal financiado pelo SEBRAE. Eu sempre procuro fazer um curso por ano. Esse ano estou fazendo um curso sobre como utilizar as tecnologias dentro das salas de aulas. (Colaboradora 2, 2009).

Ao discutirmos a formação docente é necessário argumentar sobre a formação inicial e a formação continuada, porém é importante desenvolver estratégias para que o professor esteja sempre em formação. É imperativo lutar para implementação de políticas públicas que assegurem aos professores e professoras suportes e condições de exercer a profissão podendo dedicar-se na busca de melhorias significativas para as práticas pedagógicas, possibilitando aos estudantes reflexões e críticas a partir de uma educação que aborde temáticas que não silenciem suas vozes nem suas experiências vividas.

Palavras-chave: Formação de Professores. Ensino de História. Escolas Rurais.

Referências

CASTANHO, Maria Eugênia. Sobre professores marcantes. In: CASTANHO, Sérgio e CASTANHO, Maria Eugênia (Orgs.). **Temas e Textos em Metodologia do Ensino Superior**. Campinas, SP, Editora Papyrus 2001.

GUIMARÃES, Selva. Aprender a contar, a ouvir, a viver: as narrativas como processo de formação. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Técnicas de Ensino? Novos tempos, novas configurações**. 1. ed. Campinas, SP: Papyrus Editora, 2006. cap. 6, p. 137-162.